

# *Da Copa, da Copa, da Copa eu abro mão!*

---

## *Gabriel Conte*

Professor de Educação Física da Rede Municipal de Curitiba, na Escola Municipal Dona Lulu.  
Diretor do SISMMAC – Gestão Novos Rumos (2014-2017). Militante da ASS/Intersindical  
**E-mail:** gabriellconte@gmail.com

---

## *Caroline Prüss*

Estudante de Economia da UFPR. Militante do Coletivo Estudantil Outros Outubros Virão

---

## *Eduardo Neves*

Estudante de Engenharia Química da UFPR. Militante do Coletivo Estudantil Outros Outubros Virão

**A**ssim começa uma das principais palavras de ordem proclamada em diversas manifestações e greves de trabalhadores e estudantes dos últimos anos em nosso país. Em especial daqueles que reclamam suas pautas diretamente ao poder público, sejam eles trabalhadores empregados nos diversos âmbitos do Estado, estudantes das escolas e universidades públicas, ou aqueles milhões de trabalhadores e estudantes que foram às ruas em junho de 2013 numa explosão de reivindicações por melhores condições de vida, clamando por transporte, saúde e educação.

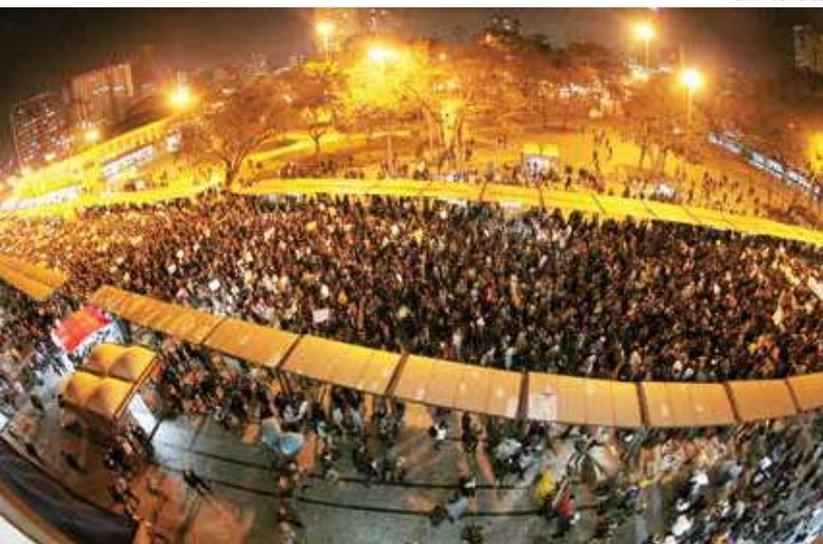
Não à toa, um grito que se repetiu nas bocas da classe trabalhadora no Brasil nesses últimos anos, refere-se a um evento de grandes proporções que parece ter roubado/desviado verbas públicas que poderiam ser usadas para resolver problemas mais

importantes de nossas vidas: a Copa do Mundo.

Depois de um Pan Americano e da Copa das Confederações de Futebol, o Brasil sediou este ano o mais importante evento do futebol mundial, a Copa do Mundo da FIFA. E, diferente do que se imaginava, com sucesso, do ponto de vista dos torcedores e dos promotores desse tipo de evento. Além disso, daqui a dois anos vai sediar as Olimpíadas de Verão, ou como nós brasileiros a conhecemos, as Olimpíadas.

A população em geral, seja a grande massa trabalhadora, seja a pequena burguesia e até mesmo os grandes empresários – a burguesia de fato – comemora a vinda desses eventos para o Brasil. Os trabalhadores comemoraram e torceram por suas seleções, mas num clima menos festivo que nas copas anteriores. A contradição que se expressou em junho do ano passado, não foi totalmente esquecida.





Franklin de Freitas

Em Curitiba, o ato do dia 17 de junho de 2013 reuniu cerca de 20 mil pessoas

### A Copa das Copas no Brasil

Foram dezenas (talvez centenas) de empresas e empresários que comemoraram a vinda da Copa do Mundo para cá. A construção de estádios, a reforma e revitalização de vias urbanas, a ampliação da rede hoteleira, dos serviços gastronômicos, dos aeroportos e rodoviárias, dos serviços de segurança, e diversas outras frentes de produção foram mobilizadas para garantir a existência do evento. Na conta dos empresários, sediar um evento desse porte significa lucrar mais, vender mais mercadorias. Não é uma questão de amor ao esporte, muito menos de orgulho nacional. É uma questão contábil, da forma mais pragmática possível, como a burguesia tende a ser. Foram dezenas de bilhões de reais investidos no conjunto de obras necessárias para a Copa, e são esses os números que interessam para quem envolveu seus negócios na Copa e fez de tudo para que ela viesse para cá. O resto é conversa de comentarista esportivo.

Nenhuma dessas empresas teria ampliado sua produção, vendido seus produtos, e garantido seus lucros, se o evento já não nascesse com um comprador certo: o Estado. Foi o governo brasileiro, em suas diversas instâncias, quem financiou boa parte das obras da Copa do Mundo nas 12 cidades-sede do evento, especialmente no ramo da construção civil. Segundo a lista de projetos da Copa, dos R\$ 25,5 bilhões investidos nos preparativos para o torneio, aproximadamente 85% foi custeado pelo Poder Público ou com financiamento concedido por bancos estatais.

Parte desses gastos está na área de segurança. O esquema que o governo federal e os estados montaram, segundo dados divulgados em grandes mídias pelo próprio governo, foram cerca de 170 mil agentes de segurança (entre polícia e exército) nas ruas

do país. Desses, foram mais de vinte mil militares do Exército que ficaram de prontidão nos quartéis, em sistema de revezamento, durante a Copa, para saírem às ruas para conter distúrbios ou manifestações, mas apenas em caso de esgotamento das forças de segurança pública (polícia militar e civil), o que, salvo algum engano, nem foi necessário. E tudo isso custou caro. É da ordem de R\$ 1,9 bilhão, de acordo com o governo, sendo R\$ 1,17 bilhão dos gastos feitos pelo Ministério da Justiça em relação aos estados e R\$ 710 milhões com as Forças Armadas, desembolso decorrente de treinamento, aquisição de equipamento e custeio, ou seja, operacionalização da tropa.

Mas o que mais gerou gastos (ou investimentos, a depender do ponto de vista) foram as obras de construção, que incluem os estádios, as estradas e as reformas de rodoviárias e aeroportos. Além, é claro, das remoções de quem vivia em áreas de interesse dessas obras. Segundo o Comitê Popular da Copa, coletivo que luta contra os desmandos do evento, mais de 250 mil pessoas foram removidas de suas casas por conta das obras do mundial.

Para se ter ideia dos gastos com essas obras, a reforma da Arena da Baixada, em Curitiba, que inicialmente custaria perto de R\$ 135 milhões, saltou para quase R\$ 330 milhões no fim das contas. Desse valor, apenas 18 milhões foram investidos pelo Clube que herda o estádio no fim da Copa, todo o restante veio direto do governo (entre BNDES e Prefeitura de Curitiba). Mais impressionante que essa obra da Baixada do Atlético, foram a dos estádios maiores e com jogos mais importantes, como os de Brasília, Recife, Belo Horizonte, São Paulo e, claro, o Maracanã, no Rio de Janeiro. Estádios em que as previsões iniciais já ultrapassavam meio bilhão de reais cada um, e cujos números finais também foram muito além das expectativas.

Se não bastassem os gastos, não foi pequeno também o número de mortos nos canteiros de obras da Copa: oito operários morreram em acidentes de trabalho, número quatro vezes maior que o da Copa da África do Sul, quatro anos atrás. Será que as construtoras, que lucraram cifras na casa dos milhões e até bilhões de reais, terão alguma dificuldade de provar na justiça que essas mortes foram causadas por irresponsabilidade dos próprios operários? Por outro lado, também não foram poucas as manifestações dos operários desses canteiros de obras, inclusive em Curitiba, por conta de salários atrasados e péssimas condições de trabalho.

É sem dúvida a Copa mais cara da história das Copas, num país que vem se preocupando cada vez mais com isso. A partir do ano de 2002, com a eleição do governo Lula, a conjuntura do esporte no país ganha outros contornos. A política do esporte passa a ter destaque no plano de governo, que pode ser

comprovado pela criação do Ministério do Esporte, desatrelado de outras pastas como educação e turismo, seguindo uma tendência mundial. A partir disso, foram várias as frentes de investimento do governo, que vão desde o Timemania, que recolhe dinheiro do povo através de uma loteria para garantir investimentos e perdoar a dívida dos grandes clubes que devem para o INSS, Receita Federal e FGTS até a Lei de incentivo ao esporte, que confere isenção fiscal a empresas que investirem no esporte. Para os trâmites específicos da Copa, foram editadas novas legislações, como a Lei 12.350, de dezembro de 2010, que garantiu isenção fiscal à FIFA e ao Comitê Organizador Local (COL) da Copa, na realização da Copa do Mundo e da Copa das Confederações. A previsão é que, para esse caso, a renúncia fiscal chegasse perto R\$ 1,2 bilhão. Além de todo o investimento direto que o governo fez, ainda deixou de arrecadar mais de um bilhão em impostos da FIFA!

***Mas o que significa investir cifras altíssimas num evento como esse, e rebaixar ou limitar o investimento em áreas sociais? Com o avanço do desenvolvimento do capital, a cidade passa a ser uma cidade-negócio. Ela deixa de ser considerada como um espaço social complexo, onde as pessoas se relacionam, produzem suas vidas e etc, e passa a ser encarada pura e simplesmente como um negócio. Nesse contexto, a construção civil e a especulação imobiliária tornam-se importantes para produzir lucro a partir do espaço urbano.***

E é exatamente aí que se inserem os Mega Eventos: espaços públicos são concedidos a preços muito baixos, com isenções fiscais e incentivos estatais para as empresas privadas construírem estádios. As obras de infraestrutura prometidas para as cidades-sede, como ampliação e construção de rodovias, aeroportos e etc, foram secundarizadas. Muito usadas para justificar a vinda da Copa para o Brasil, pois tais obras seriam parte do legado da Copa, várias delas já não são mais obras da Copa. Apenas as que são fundamentais para o funcionamento do evento

foram feitas, e algumas ainda de maneira rebaixada.

Na cidade-negócio, faz sentido valorizar os Mega Eventos, e por outro lado não são vantajosas a construção e manutenção de serviços públicos, que não geram lucro. São vários os eventos esportivos organizados a nível mundial que são corretamente chamados de Mega Eventos, dado seu tamanho e a quantidade de trabalho e riqueza que movimentam, em especial a Copa do Mundo da FIFA e as Olimpíadas de Verão. Poderíamos listar vários outros, de porte um pouco menor, e que o Brasil participa com menos intensidade. A inserção dos países mais pobres nos Mega Eventos é cada vez maior, seja na participação nas competições, seja na própria organização dos eventos, sediando-os. Não é mera coincidência a realização de eventos desse porte no Brasil e que tenha acontecido recentemente uma edição das Olimpíadas na China, uma Copa na África do Sul, e que a próxima vá para a Rússia.

A realização dos Mega Eventos esportivos responde menos a necessidades de expansão da cultura esportiva e mais a necessidade de expansão do capital de maneira geral. Para onde as empresas envolvidas na realização desse tipo de evento pretendem ou podem se expandir? Para onde, de maneira mais geral, os grandes conglomerados mundiais veem possibilidade de expansão através de um evento de grande porte? Que países possuem seus Estados Nacionais subordinados a economia mundial a tal ponto que não gerariam problema para a realização do evento? São essas algumas das perguntas que podem ser feitas e cujas respostas, nos últimos anos, nos levam para a periferia do sistema, especialmente para seus pontos de apoio, os BRICS (países emergentes do capitalismo: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

#### **Eu quero dinheiro pra saúde e educação!**

Esse investimento pode não parecer um problema, do ponto de vista dos torcedores que acham que serão beneficiados por muito mais tempo com estádios e cidades com melhor estrutura para esses eventos. No entanto, isso precisa ser olhado ao lado de outros investimentos que o Estado também faz. Especialmente naquelas ações estatais que beneficiam diretamente o conjunto da classe trabalhadora, como os serviços de transporte, saúde e educação públicos. Segundo a previsão do Orçamento Geral da União para o ano de 2014, os gastos com a Copa se equiparam a tudo que será gasto com o setor de transportes neste ano, e quase um terço de tudo o que será gasto com educação. Com transporte serão gastos 1,03% (R\$ 24,3 bilhões) do orçamento total da União. Com saúde 3,91% (92,3 bilhões); com a educação 3,44% (81,2 bilhões); e com habitação 0,02% (472



Greve dos professores estaduais e municipais do Rio de Janeiro de maio de 2014 questionou os gastos públicos com a Copa do Mundo e foi durante reprimida



Fotos: Tomaz Silva - Agência Brasil

milhões). É uma comparação com todo o montante de investimento federal nessas áreas durante todo o ano. Localmente, outro comparativo importante é que o investimento feito pela Prefeitura de Curitiba nas obras da Arena, que chegou a R\$ 50 milhões, é quase o dobro de tudo que a Prefeitura deve gastar até o final do ano com todas as obras nas reformas das escolas: R\$ 28 milhões.

Se ainda não é suficiente para se assustar, é bom lembrarmos que uma boa fatia da classe trabalhadora depende exclusivamente desses serviços para ter acesso à educação ou saúde, por exemplo. Vivemos num contexto em que os trabalhadores do nosso país têm um acesso bastante precário a serviços essenciais, como saúde, educação, previdência, saneamento: nossos salários são baixos demais para comprá-los, e os serviços oferecidos pelo Estado são ruins ou insuficientes.

**Não é possível aceitar que o Estado gaste um dinheiro que deveria ser para benefício de todos, e que poderia melhorar as condições de vida de milhões de pessoas, em um evento no qual a maioria dos trabalhadores não terá acesso. Se isso já não fosse o bastante, quando olhamos para a divisão do bolo do orçamento, vemos que além de uma fatia grande do investimento ser gasta num único evento que não é destinado para**

**a população trabalhadora (que é a ampla maioria da população), existe uma fatia bem maior que essa destinada ao pagamento da dívida pública. 42,42% de todo o orçamento do governo federal neste ano vai direto para os cofres da burguesia, pelo pagamento da dívida. São mais de um trilhão de reais em juros e amortização da dívida pública.**

Em 2013, trabalhadores e estudantes foram às ruas protestar por diversas reivindicações, sendo muito recorrente as palavras de ordem que exigiam mais investimento em saúde, transporte e educação. Muitas dessas manifestações tinham como objetivo principal criticar e barrar o aumento da tarifa do transporte público, que vinha ocorrendo em várias cidades. O Estado, que não via há tempos a população em ato nas ruas, usou da repressão policial e judicial para criminalizar e coagir esses movimentos, usou os atos de junho de 2013 para treinar e afinar as ações repressoras de 2014, ano importantíssimo do ponto de vista do governo, devido às eleições presidenciais e à realização da Copa do Mundo. A repressão, nesse momento, está muito mais inteligente e certa, exemplos disso são as prisões de dirigentes sindicais e de lideranças dos movimentos sociais, bem como as demissões de grevistas e a criminalização das greves durante o Mega Evento. O número estimado de 250 mil pessoas despejadas de suas moradias também expressa o verdadeiro legado da Copa, que tirou as pessoas de suas casas sem dar-lhes qua-

se nada em troca. Tudo isso para ceder espaço à FIFA e aos patrocinadores do evento, buscando esconder dos turistas a pobreza que existe em torno de alguns estádios bilionários.

Para além de todas as questões apresentadas até aqui, que dizem respeito à organização dos eventos esportivos e ao movimento feito pelo capital e seu Estado para promovê-los, é importante dar mais um passo e tentar entender o porquê de ser o esporte a atividade que está no centro de todo esse enredo, que envolve empresários dos mais diversos setores e governos do mundo todo.

### **Esporte, uma prática corporal para quem?**

O esporte, enquanto prática institucionalizada, com suas regras, federações e confederações, não é feito para as pessoas o praticarem, mas para o consumirem de diversas formas, seja assistindo, seja comprando os artigos esportivos mais variados que simbolizam este ou aquele time, esta ou aquela seleção. E o futebol é um dos esportes principais que se desenvolveram no último século cumprindo essa função.

O esporte é a forma desenvolvida do jogo. O jogo enquanto atividade lúdica com suas regras, que podem inclusive conter uma competição entre os jogadores, se desenvolveu e se profissionalizou dentro do capitalismo até o ponto em que virou outra coisa: o esporte. Os jogos, inclusive com caráter de espetáculo, que existiram na Antiguidade, no Império Romano e na Grécia, não podem ser classificados como esporte. A institucionalização e profissionalização que marcam o esporte moderno só se desenvolveram após a Revolução Industrial, a partir do desenvolvimento de elementos dos jogos populares ingleses, como os jogos com bola, e também de práticas da nobreza. Este processo inicia em meados do século XVIII e se intensifica no final do século XIX e início do XX.

Formar times para competir entre si, times das cidades que competem entre cidades, países que competem contra países. O que antes era apenas uma prática usada para se divertir passa a ser encarada como uma atividade profissional, coordenada por especialistas, que estudam a melhor forma de se preparar e de ganhar o jogo. Por jogadores que têm essa como atividade principal da vida, e não mais uma diversão, até o ponto em que vendem sua força de trabalho para empresas e clubes que gastam para promover o jogo. Essa profissionalização, que não é só um aperfeiçoamento, mas a constituição de profissões – jogador, treinador, árbitros, cartolas – é que vai caracterizar o salto do jogo para o esporte. De uma atividade lúdica para um ramo de produção. Contraditoriamente, a produção da diversão.

Para os técnicos, jogadores, e demais profissionais que trabalham para que o esporte exista, estamos falando de trabalho, da produção da existência concreta desses trabalhadores, que produzem uma mercadoria que tem como fim a diversão. Não a deles, que sofrem com árduas jornadas, lesões, pressões mil, mas de todos os outros que assistirão as suas partidas, comprarão camisas com seus nomes e pôsteres com suas imagens. Estamos tratando de um dos grandes eixos da produção industrial da diversão, do entretenimento.

Assistir as partidas esportivas (em especial o futebol) é a ação que está colocada para a grande massa de trabalhadores, o que se desdobra em várias mercadorias. Desde o assistir propriamente dito, que inclui canais fechados de TV, até ingressos para os estádios; a souvenirs diversos que se relacionam aos clubes, jogadores e seleções. Poderíamos ir mais fundo e falar de outras mercadorias, que não tem relação direta com o esporte, mas que se utilizam da imagem publicitária dos atletas para impulsionar suas vendas: aparelhos de barbear, shampoos, celulares, e outros infinitos produtos que tem suas vendas aceleradas por relacionar o produto em questão com este ou aquele jogador.

A posição em que estamos colocados, nós trabalhadores que não trabalhamos com o esporte e somos a grande massa da população, é a de espectadores, de seres passivos diante de uma atividade que não é realizada por nós, e na qual nada podemos interferir, apenas observar. Observar uma partida esportiva não é em si um problema, pelo contrário, pode ser emocionante, bonito, prazeroso. O problema é que esta é a única opção que nos é dada diante do esporte. Diante do que é investido e mobilizado de riqueza para promover o esporte profissional, quase nada é feito para que os trabalhadores e a população em geral possam praticar o esporte. E isto não é à toa.

Se não somos trabalhadores do esporte, que estamos diretamente envolvidos na produção concreta dos clubes, times, seleções, vamos nos envolver com o esporte não em nosso trabalho, mas fora dele, no tempo que nos resta de descanso ou de lazer. Qual é a preocupação que o capital e seu Estado têm com os trabalhadores fora do seu horário e local de trabalho? Apenas o mínimo para que existam trabalhadores em condições de voltar no dia seguinte e produzir. Estamos tratando de reprodução de força de trabalho, e não de bem-estar. Essa é a conta que os empresários fazem. E o esporte, ou outras atividades de divertimento, ou de condicionamento físico, vão entrar na rotina do trabalhador na medida em que ele consiga comprar e encaixar em sua rotina diária. Ou, na melhor das hipóteses, nas grandes empresas em que o próprio setor de RH entende como impor-

tante que esse pequeno momento de lazer e socialização possa ser mais bem aproveitado e controlado se feito em espaços da própria empresa.

***Depois de várias décadas de desenvolvimento, o que claramente a sociedade do capital produz é um atrofiamento do jogo, momento de diversão que tem sua dinâmica e suas regras definidas pelos seus jogadores, e um amplo desenvolvimento do esporte, prática institucionalizada e profissional, realizada por uma enorme gama de trabalhadores e que mobiliza enormes quantidades de riqueza.***

Poderíamos, por dedução, achar que se trata de uma questão ideológica, de o capital ter encontrado uma atividade que mais representa suas ideias e valores, como a competição, o individualismo, ou outras atitudes e posturas típicas dessa sociedade, e é isso que muitos estudiosos do esporte vão dizer. As consequências ideológicas do esporte para o domínio da burguesia são realmente perceptíveis, mas certamente não se trata disso. O capital é pragmático, faz as contas e precisa estar em constante expansão. Achou no esporte, e em tudo que a produção desse espetáculo gera, mais uma estrada por onde continuar seu movimento de expansão, de reprodução ampliada. Assim como fez com a educação, com a previdência, com a segurança, com a arte e com várias outras atividades que no início do desenvolvimento do capitalismo, em seus primeiros séculos quem sabe, ainda não tinham virado mercadoria.

E, como dissemos anteriormente, as mercadorias possíveis de serem produzidas e vendidas no e através do esporte são muitas, e são predominantemente aquelas que nos colocam como espectadores. Não porque querem nos impedir de jogar, mas porque são as que mais vendem. As que envolvem a prática esportiva (ou lúdica) exigem um tempo, um espaço e uma energia que a maioria dos trabalhadores não têm, e não tendem a ter nessa sociedade, na qual o capital exige cada vez mais de seus trabalhadores, em jornadas crescentes e extenuantes.

As mercadorias da prática esportiva são vendidas predominantemente para a burguesia, através

dos títulos e mensalidades dos clubes, onde podem ir diariamente com a família jogar, nadar, e se divertir. Eles têm tempo para isso, e como são poucos (os grandes e pequenos burgueses e os altos assalariados) consequentemente, estamos tratando de um ramo de produção infinitamente menor do que aquele do espetáculo esportivo.

#### **O que queremos afinal?**

Os altos investimentos em espetáculos, que em geral não são para nós, parecem mesmo não fazer sentido. Menos ainda quando olhamos para o funcionamento geral da sociedade capitalista, na qual apenas uma parte da riqueza produzida vai para o Estado (na forma de impostos), que tem um orçamento limitado para distribuir nas várias áreas. Trata-se nesse caso de uma disputa pelo bolo do orçamento, na qual nós trabalhadores em geral saímos perdendo. A realização dos Mega Eventos com o dinheiro público aparece nesse quadro apenas como mais um exemplo. E os serviços de maior amplitude social, como educação, saúde, transporte, moradia, acabam relegados a segundo plano, pelo falta de lucratividade direta. Parece fazer sentido, nesse caso, manter nossas frentes de luta organizadas e atuantes, como nosso movimento do magistério, para exigir mais verbas para a educação, sabendo exatamente com quem estamos disputando esse orçamento. Por isso, a importância de destrincharmos todos os passos de construção de um evento que tanto nos diverte, mas que no fundo é uma das prioridades dos governos de plantão, em detrimento de nossas escolas e nossa carreira profissional.

Enquanto professores, no entanto, temos a responsabilidade e o dever de pensarmos essa questão para além da disputa econômica. Precisamos ousar questionar o esporte enquanto atividade que devemos ou não promover. Como fruto do desenvolvimento de determinadas forças produtivas, o esporte contém todos os elementos contraditórios inerentes do modo capitalista de produção, que podem ir desde a competição e a desigualdade de condições no mundo competitivo, até a ideia de superação das diferenças sociais pela harmonia da nobre competição. O fruto mais complexo, em termos de cultura do corpo, que a sociedade do capital produziu, traz quais elementos que nos interessam? A produção de uma massa de espectadores certamente não é um deles.

Precisamos ter como horizonte uma sociedade onde possamos viver o esporte em todas as suas dimensões: jogar, organizar e, inclusive, assistir. Numa sociedade em que não temos tempo para quase nada além do próprio trabalho, que é em si extenuante, e na qual o tempo que nos resta

é aproveitado quase todo para descansar para o dia seguinte, isso parece não ser possível. E a história vem nos mostrando que a camada da população nessas condições só cresce. Não podemos, portanto, restringir nosso horizonte nos marcos da sociedade capitalista, na qual as práticas da cultura corporal só têm espaço se podem virar mercadoria.

É tempo de voltar a enxergar mais além. De exigir mais verbas para os serviços públicos essenciais e inclusive de tentar democratizar o esporte, fazendo-o chegar a mais gente, mas sem a ilusão de que isso resolve nossos problemas. É tempo de nos organizarmos cada vez mais para nossas lutas e tomarmos como horizonte uma sociedade em que tenhamos tempo, para além do trabalho, para praticarmos não um, mas vários esportes; não só o esporte, mas várias outras práticas corporais; não só práticas corporais, mas várias outras que nos tragam prazer, pelo simples ato de praticar, de observar, de fruir.

Alguns séculos de desenvolvimento do capitalismo já mostraram que a tendência é que não chegaremos a isso sem uma mudança profunda das

estruturas sociais de produção da vida.

Precisamos de uma sociedade não mais baseada na exploração do trabalho, nem na apropriação privada da riqueza. Só assim a crescente produção de riqueza vai nos permitir trabalhar menos, e, quem sabe, aproveitar melhor o tempo diário que nos resta, e o esporte possa ser uma vivência prazerosa para todos. O projeto de uma sociedade socialista faz-se mais do que nunca, urgente!

***O jogo se transformou em espetáculo,  
com poucos protagonistas  
e muitos espectadores, futebol para olhar,  
e o espetáculo se transformou  
num dos negócios mais lucrativos do mundo,  
que não é organizado para ser jogado,  
mas para impedir que se jogue.***

*(Eduardo Galeano)*



Joka Madruga

Com greves e mobilização, trabalhadores disputam com o empresariado como será distribuído o bolo do orçamento público